



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

JULIANA FERREIRA MATHEUS GODINHO

**O COMEÇO DE UMA JORNADA PROFISSIONAL:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA EM
PRÁTICA CLÍNICA – UMA PERSPECTIVA HUMANISTA**

ARIQUEMES - RO

2019

JULIANA FERREIRA MATHEUS GODINHO

**O COMEÇO DE UMA JORNADA PROFISSIONAL:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA EM
PRÁTICA CLÍNICA – UMA PERSPECTIVA HUMANISTA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Prof.^a Orientadora: Ms. Carla Patrícia Rambo
Matheus

Ariquemes - RO

2019

JULIANA FERREIRA MATHEUS GODINHO

<http://lattes.cnpq.br/6949939993440109>

**O COMEÇO DE UMA JORNADA PROFISSIONAL:
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA ESTAGIÁRIA EM
PRÁTICA CLÍNICA – UMA PERSPECTIVA HUMANISTA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em
Psicologia da Faculdade de Educação e Meio
Ambiente – FAEMA como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Psicologia

Prof.^a Orientadora: Ms. Carla Patrícia Rambo
Matheus

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora Ms. Carla Patrícia Rambo Matheus
<http://lattes.cnpq.br/4834773672725638>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Prof.^a Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo
<http://lattes.cnpq.br/4994015719356247>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ítalo Adão Aguiar Oliveira
<http://lattes.cnpq.br/0149386370236095>
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Ariquemes, 15 de julho de 2019.

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

G585o	<p>GODINHO, Juliana Ferreira Matheus.</p> <p>O começo de uma profissional: relato de experiência de uma estagiária em prática clínica - uma perspectiva humanista. / por Juliana Ferreira Matheus Godinho. Ariquemes: FAEMA, 2019.</p> <p>51 p.</p> <p>TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.</p> <p>Orientador (a): Profa. Ma. Carla Patricia RAMBO.</p> <p>1. Psicologia. 2. Abordagem Centrada na Pessoa. 3. Formação Acadêmica. 4. Supervisão Clínica. 5. Processo Terapêutico. I RAMBO, Carla Patricia. II. Título. III. FAEMA.</p>
CDD:150.	

Bibliotecário Responsável
EDSON RODRIGUES CAVALCANTE
CRB 677/11

A Deus, toda minha gratidão, por ter me sustentado em todo tempo, ter sido meu amigo, meu abrigo, meu ajudador, meu consolador e minha Rocha Eterna. Sem Ele eu nada seria. Se esse trabalho existe, toda honra é Sua, meu Pai. Palavras não existem para expressar meu amor a Ti. Obrigada Senhor por Teu amor e misericórdia!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Isac e Sidneia, por terem me dado todo carinho e amor necessários para enfrentar meus medos, minhas incertezas e minhas angústias. Agradeço pelos momentos de alegria, consolo, colo e abraços que a mim dedicaram. Vocês foram peça fundamental para que tudo acontecesse em minha vida e para que eu pudesse chegar até aqui. Agradeço por nunca desistirem de mim e por não me deixarem desistir. Meu amor e gratidão eternas a vocês. Essa vitória é nossa!

Ao meu esposo, Rafael, por compreender as distâncias e por aceitar esse processo comigo. Não foi fácil chegar até aqui, mas você foi essencial para que tudo acontecesse. Te amo e agradeço por ter você em minha vida.

Aos meus irmãos Rodrigo, Isac Magno, Igor e Felipe Neris, minha eterna gratidão por me apoiarem e me incentivarem a sempre lutar pelos meus sonhos. Agradeço por ter vocês em minha vida. Amo vocês.

Aos meus sobrinhos Vitória, Thiego, José Artur e Henrique, por toda alegria que me proporcionam, por serem meu alento em momentos de tristeza. Vocês são os amores da minha vida. Me dão força e me impulsionam a ser melhor a cada dia. Se hoje estou aqui, é por vocês. Gratidão por existirem. Amo vocês.

Aos meus amigos pebas, Debora, Marcio, Mayhara e Melissa, que foram meu suporte e sempre demonstraram lealdade e integridade em nossa amizade. Agradeço pelas alegrias e momentos de distração que tivemos, mas, principalmente, por me permitirem aprender com vocês sobre muitas coisas e, em especial, sobre a vida e Deus. Vocês me revigoram. Amo vocês.

Aos professores que com muito esforço, firmeza e amor estiveram conosco nesse processo. Aprendi muito com cada um de vocês e cada um tem um lugar especial em meu coração. Aos colegas de classe, pois juntos dividimos essa jornada, vocês foram incríveis. Obrigada pelas risadas, raivas, principalmente, pela intensidade da nossa turminha Ana Claudia Yamashiro Arantes. Saudades!

A minha cunhada, amiga, orientadora e supervisora Carla Patrícia Rambo Matheus, minha gratidão pela paciência com meu processo. Agradeço pela disponibilidade em ouvir e entender. Você foi essencial para que eu pudesse acreditar que esse trabalho um dia se concluiria. Quando eu deixei de acreditar em mim, você

acreditou e isso fez toda a diferença. Você é um presente para mim. Gratidão. Amo você.

A minha psicóloga, Salohana Oliveira, por ter me acompanhado e me acolhido durante essa fase tão difícil. Só você sabe o quanto me custou chegar aqui e agradeço a você por me incentivar a continuar e por não me deixar desistir. Gratidão pelas palavras, pelos momentos em que eu precisei de você, pela compreensão, pelo amor à sua profissão, por simplesmente ser quem você é. Obrigada por existir.

Em especial, aos clientes que por mim foram atendidos no Serviço Escola. Minha gratidão por confiarem no meu trabalho e, principalmente, por confiar e acreditar em vocês mesmos. Ao nosso crescimento, gratidão!

A todos que, de alguma maneira, colaboraram na produção deste trabalho, minha gratidão.

Percebo que se fosse estável, prudente e estático, viveria na morte. Portanto, aceito a confusão, a incerteza, o medo e os altos e baixos emocionais, porque esse é o preço que estou disposto a pagar por uma vida fluida, rica e excitante.

Carl Rogers

RESUMO

O aprendizado é conquistado por meio de um processo longo e cheio de obstáculos. Desde a infância, somos enriquecidos com o conhecimento através de professores e matérias na escola. Ao adentrar no ensino superior, percebemos que não só a teoria basta, mas a prática se faz muito presente e se torna elemento imprescindível para o crescimento profissional, no desenvolvimento das habilidades e competências. O estágio se torna fundamental para concretizar esse aprendizado articulando essas esferas do conhecimento, vivenciando a teoria na prática. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é trazer reflexões a respeito do estagiário e suas vivências durante o período de Estágio Supervisionado Clínico, através de um relato de experiência das relações com os clientes, com supervisor e sua própria transformação pessoal. Através dos preceitos teóricos da Abordagem Centrada na Pessoa, buscou-se compreender e analisar a experiência da autora, enfatizando os aspectos essenciais da abordagem, percebendo suas mudanças genuínas ao longo do processo de crescimento. Foi possível perceber que as grandes descobertas só serão feitas através da prática profissional, como ocorreu com Carl Rogers, sendo elas desveladas, pois, apesar de dominar a teoria, é necessário vivenciá-la para compreender em sua totalidade. A experiência na ACP permitiu um aprendizado enquanto psicóloga, uma profissional íntegra na sua relação com o cliente, ao tempo que os valores, sentimentos e percepções pessoais não devem ser contrabandeados ao cliente. Um terapeuta que envolva as atitudes facilitadoras na perspectiva da valorização e autonomia humana necessita desenvolver-se enquanto um humano autêntico, congruente e empático.

Palavras-chave: Psicologia, Abordagem Centrada na Pessoa, Formação Acadêmica, Supervisão Clínica, Processo Terapêutico.

ABSTRACT

Learning is conquered through a long and full process of obstacles. Since childhood, the knowledge given by teachers and subjects in school enrich us. When entering in college, is realized that not only theory is enough, but practice becomes very present and an essential element for professional growth, in the development of skills and competences. The internship becomes fundamental to realize this learning by articulating these spheres of knowledge, experiencing theory in practice. Therefore, the objective of this work is to bring reflections about trainees and the experiences during the period of Clinical Supervised Internship, through an experience report of the user relationship with the supervisor and his own personal transformation. Through the theoretical precepts of the Person-Centered Approach, was sought to understand and analyze the author's experience, emphasizing the essential aspects of the approach, realizing their genuine changes throughout the growth process. Was found that great discoveries will only occurs through professional practice, as happened to Carl Rogers, being revealed, because, despite dominating the theory, it is necessary to experience it to understand in its totality. The experience in PCA allowed the learning as a Psychologist, professional integrity in its relationship with the user at the time that the values, feelings and personal insights should not be smuggled to the user. A therapist who involves facilitating attitudes of human perspective, valorization and autonomy needs to develop as an authentic, congruent and empathic human.

Keywords: Psychology, Person-Centered Approach, Academic Background, Clinical Supervision, Therapeutic Process.

LISTA DE SIGLAS

ACP – Abordagem Centrada na Pessoa

FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente

SEPSI – Serviço Escola em Psicologia

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3 METODOLOGIA	15
4 REVISÃO DE LITERATURA	17
4.1 DA PSICOLOGIA HUMANISTA À ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA	17
4.2 O PROCESSO TERAPÊUTICO, O TERAPEUTA E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA	20
5 RELATO DE EXPERIÊNCIA	27
5.1 O ESTAGIÁRIO E SUAS RELAÇÕES: SOB O OLHAR DA VIVÊNCIA	27
5.2 A RELAÇÃO ESTAGIÁRIO-SUPERVISOR	28
5.3 A RELAÇÃO ESTAGIÁRIO-CLIENTE – UMA RELAÇÃO DE CRESCIMENTO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

A vida profissional é construída ao longo de muitos anos de estudo e dedicação. No percurso educacional, em nível de ensino infantil, fundamental e médio, são apresentadas matérias como português, matemática, história, geografia, sociologia, filosofia, arte, religião, entre outras que norteiam o aluno até o ingresso ao ensino superior. Essa entrada é permeada por inúmeras mudanças, dentre elas a educacional, onde as especificidades de cada ciência são trazidas para o campo de estudo teórico e prático, assim muitos aprofundamentos são necessários para que o acadêmico se torne um profissional com habilidades e competências necessárias para ser um bom profissional.

Compreende-se que os estágios são de grande relevância para o aprendizado e conhecimento dos acadêmicos em qualquer curso de formação. Pode-se dizer que este tem a função de aperfeiçoar, na prática, tudo aquilo que foi apreendido durante a teoria em quesitos de habilidades profissionais e competências integrativas práticas. É neste campo de conhecimento que o aluno é convidado a colocar em prática a teoria estudada e foi neste caminho que surgiu este trabalho, com o intuito de relatar sobre as práticas clínicas vivenciadas em estágio clínico, básico e supervisionado, no curso de Psicologia.

Visando esse crescimento, a Resolução nº 5 de 15 de março de 2011 das Diretrizes Curriculares Nacionais, sabendo que o Psicólogo deve ter uma formação, durante a academia, voltada para a atuação profissional, para a pesquisa e para a docência em Psicologia, prevê que os estágios aconteçam de maneira que o acadêmico construa um conhecimento científico, busque compreender o fenômeno “Psicologia” como um todo, reconheça a diversidade das perspectivas de cada ser humano, obtenha compreensão crítica sobre os fenômenos que também fazem parte da Psicologia (sociais, econômicos, culturais e políticos do país, por exemplo), aprimore-se e capacite-se continuamente.

Dentro da profissão, existem várias áreas e âmbitos que podem ser escolhidos após a formação, por isso, a dúvida, a incerteza, o medo, a reflexão e os conflitos surgem durante os últimos anos de graduação. No entanto, o estágio tem como intuito capacitar os indivíduos, de modo que se identifiquem ou não com aquilo que lhe é proposto, tendo a opção de escolha. Inúmeros são os benefícios para a vida

profissional que o estágio pode trazer ao acadêmico estagiário, bem como de autoconhecimento.

Este presente trabalho de conclusão de curso tem como intuito trazer o relato de experiência de uma estagiária do curso de Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, alcançado por intermédio do Estágio Supervisionado Clínico na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Estes estágios foram realizados nos períodos de 7º a 10º do curso de Psicologia, nos anos de 2017 e 2018, no Serviço Escola em Psicologia (SEPSI) do Instituto FAEMA. Para fácil compreensão expõem-se que foram realizados 11 atendimentos, sendo 3 casos em processos de triagem com 3 sessões cada um e 1 caso em processo de triagem de uma única sessão (configurando-se desistente), e 7 atendimentos de processo terapêutico, dentre eles 4 casos desistentes e 1 caso concluído neste percurso de formação acadêmica em prática de estágio profissional. As supervisões foram realizadas na Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, uma vez por semana, em um grupo de 8 alunos. Nas supervisões, os casos eram relatados e discutidos conjuntamente com os demais colegas, os quais agregavam perspectivas em relação ao caso e ao terapeuta-estagiário. O relato de experiência exposto está relacionado à vivência da acadêmica enquanto estagiária, acadêmica e pessoa, tendo como foco o processo de estágio, a estagiária e as afetações envolvidas neste processo relacionando-as com a filosofia humanista enquanto Abordagem Centrada na Pessoa, ou seja, a perspectiva que entrelaçava a prática, a formação e o crescimento da pessoa/estagiária como profissional.

Silva (2006) diz que a Abordagem Centrada na Pessoa opera sempre na intenção de atualizar, fazer crescer, motivar o desenvolvimento da integridade, das capacidades sociais. Considerando esta afirmativa, percebe-se que o cliente cresce dentro da relação terapêutica, e, de semelhante modo, o acadêmico também desenvolve potencial de crescimento em relação ao estágio e a supervisão, pois o professor supervisor sempre busca do estagiário seu potencial máximo, fazendo com que perceba seus medos, anseios, dificuldades e qualidades como terapeuta.

Dessa maneira, este trabalho propõe compreender a afetação do estágio clínico supervisionado para a vida pessoal e profissional do estagiário em formação profissional. Vale ressaltar que o estágio se configura um processo capaz de provocar reflexão não somente na prática profissional, mas também na forma como o indivíduo vive sua vida pessoal através das trocas entre os membros desse grupo.

Considerando essa afirmativa, as relações que se envolvem com o estagiário: o cliente e a supervisão. Através dessas relações, arriscou-se ao trazer uma reflexão sobre as dificuldades do acadêmico enquanto estagiário e proporcionar uma visão que, muitas vezes, se distingue do que a sociedade imagina e impõe. Quem nunca passou por esse processo, não sabe as dificuldades e mazelas que podem aparecer pelo caminho, contudo, todas elas apresentam sentido e crescimento ao final do trajeto.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Relatar a vivência de uma estagiária em seu estágio supervisionado com ênfase em processos clínicos e analisa-la sob o prisma da Abordagem Centrada na Pessoa.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Apresentar os fundamentos epistemológicos da Abordagem Centrada na Pessoa;
- ✓ Entender as relações estagiário-cliente e estagiário-supervisor;
- ✓ Compreender as dificuldades enfrentadas pelo estagiário no percurso de desenvolvimento da prática clínica.

3 METODOLOGIA

O relato de experiência trata-se de um trabalho que apresenta a vivência da autora no campo profissional prático, analisando os aspectos vivenciados pela mesma, se tornando importante para o campo científico (CAVALCANTE; LIMA, 2012). De acordo com Machado (2010), ninguém pode compreender melhor a minha experiência do que eu mesma e, por meio deste pensamento, este trabalho se tornou real. Esse relato apresenta a reflexão de ações e sensações que se fizeram presentes no ambiente profissional desta autora – e, por assim dizer, também podem fazer parte da vida de outros acadêmicos em fase de estágio. Além disso, este trabalho foi escrito em primeira pessoa, pois se trata de uma narração da experiência pessoal e única com cada um dos clientes com quem tive contato durante o estágio acadêmico (MACHADO, 2010).

Por se tratar de uma vivência exclusiva da autora, esta é uma investigação que não necessita ser submetida às normas do Comitê de Ética e Pesquisa, pois não traz pesquisas realizadas com pessoas, grupos ou usuários do Serviço Escola de Psicologia da FAEMA nem de outras instituições. Nos relatos experienciados pela pesquisadora em questão, haverá identificações fictícias e informações sucintas para compreensão da situação vivenciada, no entanto, o relato será restrito à vivência da pesquisadora em prática clínica. Este relato de experiência é embasado dentro dos princípios e epistemologias da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

O estágio clínico foi realizado no Serviço Escola de Psicologia, localizado no Instituto FAEMA, Avenida Jamari, setor 01, número 2371. As supervisões com a professora supervisora aconteceram nas dependências da FAEMA – Faculdade de Educação e Meio Ambiente. Este estudo traz as vivências do estágio clínico nos períodos 7º, 8º, 9º e 10º do curso de Bacharelado em Psicologia dos anos de 2017 e 2018, como também das supervisões no mesmo período.

Em 2017, deu-se início ao estágio com os processos de triagem, que visam conhecer a demanda do cliente que está na fila de espera do atendimento clínico do Serviço Escola e prepara o estagiário para o início do processo do “ser terapeuta”. Vale destacar que neste processo, o terapeuta terá contato com o cliente em apenas 3 sessões, em média. A triagem é o segundo contato do cliente com o Serviço, visto que o primeiro é através da procura e agendamento, realizado por telefone ou

pessoalmente através do Responsável Técnico. Ainda em 2017, no segundo semestre, iniciou-se os atendimentos clínicos, já no 8º período, proporcionando a relação terapêutica, de maneira mais profunda que a triagem, já que estes não se limitam a uma quantidade de sessões. Cabe destacar que o processo terapêutico é aquele em que o cliente e o terapeuta estabelecem uma relação de troca e vivenciam juntos as experiências.

Como referencial teórico, foram pesquisados livros, artigos, monografias, teses e trabalhos disponibilizados em plataformas digitais como Scielo, BVS, PePsic, revistas científicas, entre outros. Foram selecionados os documentos que abordavam como temas ou capítulos sobre a Teoria Humanista, a Abordagem Centrada na Pessoa, Psicologia Humanista, Terapeuta em formação ou Ser Terapeuta, Estágio e Supervisão.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 DA PSICOLOGIA HUMANISTA À ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

A Psicologia Humanista surgiu como um movimento oposto às ideias e práticas terapêuticas dominantes, Psicanálise e Behaviorismo, na década dos anos 50, como a *Terceira Força* da Psicologia. O Movimento Humanista, como foi chamado inicialmente, nasceu de uma insatisfação dos pensadores da época, visto que as práticas psi focavam nas doenças e na crença de que o ser humano poderia ser controlado como um robô. Eles simpatizavam com as outras *Forças* e, de modo algum, desprezaram a contribuição destas para o desenvolvimento da Psicologia, contudo, eles tinham pensamentos além do que estas propunham e, por isso, sentiam-se destoados (BOAINAIN JR, 1994).

Abraham Maslow, psicólogo experimental e professor de Psicologia da Universidade de Brandeis, sentia-se desconectado das ciências existentes e, através dele, a *Rede Eupsiquiana* foi criada, formada por vários psicólogos e grupos de minorias envolvidos por visões menos ortodoxas. Eles criam em um ser humano potente, muito mais que meros robôs, que é capaz de seguir, por si só, por um caminho saudável. A Psicologia, para Maslow, deveria estudar o homem em sua concepção sadia, com suas qualidades e características positivas, como a satisfação e o altruísmo. A fim de propagar a nova proposta discutida a algum tempo na *Rede*, criaram a *Revista de Psicologia Humanista* e, através desta, em 1961, tornou-se oficial a nova *Força* (BOAINAIN JR, 1994; CASTAÑON, 2007).

Na década de 60, não só a Psicologia passava por mudanças, mas o mundo também estava se transformando. Pensamentos como o feminismo, a valorização do sentimento, do amor livre, do corpo, movimento hippie, revoltas estudantis, a auto expressão, enfim, todas essas tendências divergiam do que era estabelecido pela igreja, pelo governo e a cultura ocidental (CAMPOS, 2006). As pessoas buscavam por mais dignidade, respeito, igualdade; queriam ser ouvidas em sua totalidade e esse também era o anseio da Psicologia Humanista. Esta passou, por sua vez, a enfatizar a auto realização, o potencial humano e o bem-estar (BOAINAIN JR, 1994).

Embora a Abordagem Centrada na Pessoa esteja inserida na Psicologia Humanista, antes que esta tomasse forma e se tornasse a *Terceira Força*, aquela já

existia. A Psicoterapia Não-Diretiva ou Aconselhamento Não-Diretivo, como era chamada a ACP, surgiu através de Carl Ransom Rogers, psicoterapeuta psicanalista que acreditava muito mais na potencialidade humana que em suas mazelas, que a divulgou como proposta de psicoterapia em 11 de dezembro de 1940, em uma palestra. Assim como tudo que estava acontecendo no mundo, a busca aqui era por humanização, individualidade, sentimento e desenvolvimento do indivíduo (MOREIRA, 2010).

Através de seus estudos com crianças, Rogers lançou seu primeiro livro em 1939 com o tema *O tratamento clínico da criança problema*, em que, nesse momento de seu trabalho clínico, ele observa a tendência atualizante, como denominou a tendência inerente do próprio indivíduo ao desenvolver-se à uma direção positiva (ROGERS; KINGET, 1977a citado por HOLANDA 2009). Ele acreditava que dentro de cada ser humano, existem forças que o levam ao crescimento, contudo, elas podem ter sido bloqueadas ao longo da vida e, através da relação terapêutica, essa tendência pode liberar-se e seguir rumo ao crescimento (TAMBARA; FREIRE, 1999). Esse se torna o ponto de partida da nova abordagem criada por Rogers: a crença na potencialidade humana, no indivíduo como arquiteto de si mesmo (HOLANDA, 2009). Bowen (*Quando Fala o Coração*, 1987) ainda destaca o pensamento de Rogers como sendo o que influencia e dá ao cliente um alto valor ao seu próprio direito: ser psicologicamente responsável por si.

Para entender como se dá o processo terapêutico na ACP, é necessário entender alguns conceitos básicos para esta abordagem. Rogers, quando desvelou sua teoria, trouxe esses conceitos para embasar a teoria da personalidade de acordo com sua perspectiva: organismo, *self* e experiência. Conforme Alves e Lima (2012), entende-se por organismo a totalidade do indivíduo, indivisível, compreendido de maneira biopsicossocial; por sua vez, *self* representa a imagem que o indivíduo tem de si mesmo, como ele enxerga sua própria identidade e, por último, experiência é entendida como o momento vivenciado pelo indivíduo, o qual faz despertar sentimentos nesta vivência, antes mesmo de se tornarem conscientes. Por meio desses conceitos, pode-se compreender que o sujeito se encontra em estado de incongruência quando *self* e experiência estão desalinhados.

Desde as primeiras relações, o indivíduo passa a compreender que nem sempre será possível manifestar suas sensações e sentimentos, mesmo que essa impossibilidade faça com que ele reaja de maneira oposta ao que experimenta,

tornando-o incongruente (ALVES; LIMA, 2012). Por outro lado, para que o indivíduo possa exercer a plenitude de suas funções, é imprescindível que ele haja de maneira congruente, ou seja, que *self* e experiência estejam em sintonia, além disso, ele precisa ter a capacidade de atualizar-se (tendência atualizante). A partir disso, surge a procura por psicoterapia: um indivíduo incongruente. Quando há incongruência, existe sofrimento para o cliente, pois o cliente não consegue perceber as experiências de si, conseqüentemente não consegue simbolizá-las e organizá-las dentro de si. Passa a existir, então, um estado vulnerável ao sofrimento, como um ambiente propício àquilo.

Bowen (*Quando Fala o Coração*, 1987) comenta sobre o princípio da auto regulação, nomeando-o como sendo o ritmo natural de desenvolvimento de todo indivíduo. Através deste pensamento, ela ainda ressalta que o terapeuta precisa acreditar nessa capacidade do cliente, como sendo o guia para o fluxo natural do indivíduo. Ainda, cabe destacar que, na Abordagem Centrada na Pessoa, o sujeito que antes era visto como passivo, tendo assim seu processo terapêutico direcionado, de maneira voluntária passa a procurar a psicoterapia, e, então, mostrando-se um sujeito ativo e que busca por ajuda, percebendo sua incongruência, troca-se a intitulação de paciente por cliente. Ao invés de o terapeuta ser o detentor de toda sabedoria, agora ele passa a ser um integrante dessa relação com o cliente (TAMBARA; FREIRE, 1999; MOREIRA, 2010). Rogers percebeu, em um de seus casos, que o cliente, quando direcionado, não era capaz de chegar onde queria, apenas era guiado ao que o terapeuta gostaria de descobrir ou pensava ser a questão-problema. Ao passar pela experiência de o cliente direcionar a sessão, ele percebeu que tinha sido muito mais proveitoso para o indivíduo (ROGERS, 1992).

Apesar disso, Bowen ainda destaca que nem sempre todas as pessoas estão em contato com esta tendência ao fluxo natural, por isso, é necessário que haja percepção do terapeuta neste sentido, para que, de modo inconsciente, ele não dirija o cliente. Desta forma, é necessário que o terapeuta tenha bom conhecimento e compreensão das necessidades do cliente, para que possa fazê-lo enxergar a si mesmo, olhar para dentro de si, fazendo desabrochar suas potencialidades (BOWEN, 1987, *Quando Fala o Coração*).

Já que o sujeito busca por psicoterapia quando apresenta um estado de incongruência, a função principal desta será de reconstituir. Para que isso aconteça, o processo terapêutico na ACP precisa proporcionar um clima acolhedor e favorável,

que leve o cliente a desenvolver-se em favor do seu potencial de crescimento (Alves e Lima, 2012). Rogers (1992), em todo o seu trabalho, comenta sobre um ambiente que facilite a livre expressão do indivíduo, que permita ser ele mesmo, pois, dessa forma, o cliente poderá ser autêntico consigo mesmo, talvez, pela primeira vez.

Todo indivíduo nasce e existe para ser livre. O sentimento nato de liberdade é, na essência, de origem existencial. Na condição de “ser pensante”, possuidor de inteligência, sua capacidade psíquica é fonte inesgotável de “comandos de vontades” e de estímulos de sensações que precisam ser satisfeitas, porque representam espécies de “estados de necessidades” que são indispensáveis ao alcance do nosso crescimento (BOMFIM, s/d).

Apesar de todos os entraves e caminhos a percorrer para se chegar a uma saúde mental saudável, todo indivíduo tem, como perspectiva dentro de si, uma tendência a melhorar sua vida, a buscar conhecer-se, a potencializar-se (para o bem ou para o mal) e, em psicoterapia, ele tem totais condições para que isso aconteça de forma saudável e de maneira que ele consiga se tornar independente para tomar suas decisões e mudar sua vida conforme bem compreender; neste processo, ele consegue entender que não precisa ficar preso a diagnósticos e que ele é muito mais do que isso. Essa característica será propiciada pelo terapeuta, de modo que crie uma relação onde o cliente tenha autonomia e consiga se expressar livremente.

4.2 O PROCESSO TERAPÊUTICO, O TERAPEUTA E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

É possível mensurar quando o processo terapêutico tem seu início? Para a ACP, este se percebe quando o cliente sentir que o terapeuta o compreende e o aceita incondicionalmente, depositando sua confiança e debruçando-se nessa experiência complexa. Para compreender melhor a psicoterapia, é necessário entender como se dá o processo terapêutico. Rogers (2009) comenta sobre suas aprendizagens com o processo de cada cliente dizendo que “é uma experiência única e dinâmica, diferente de indivíduo para indivíduo” e, embora seja diferente para cada cliente, existe alguma ordem no processo, há alguma relação geral.

Em todo processo existe um *porquê* e *para quê*, pode-se dizer que, em aspectos gerais, é o mesmo. Porque existe alguém incongruente, que busca a psicoterapia, estando em sofrimento ou não. Para que seja reconstruído, através da

experiência de reencontrar o seu próprio eu, recuperando sua identidade e personalidade que foram adormecidas ou abandonadas, tornando-se autor de si mesmo, recuperando o controle de sua própria vida e acreditando em si mesmo, no seu potencial, alicerçando-se nisto.

Rogers (2009) traz que, durante o processo terapêutico, o cliente se modifica desde a primeira sessão: o seu olhar sobre si mesmo, sobre os outros, sobre o terapeuta, sobre essa relação que está sendo formada, enfim, a cada sessão ele aprende algo diferente e, especialmente, descobre algo em si mesmo. Um dos mais importantes pontos a serem destacados é a visão do cliente em relação aos problemas e sentimentos que ele tem e o seu *self*. Durante esse percurso, o cliente passa a entender que ele não precisa focar no que está ao seu redor, mas que o importante é ele entender seu funcionamento e se perceber como uma pessoa ativa e capaz de transformar as circunstâncias ao seu redor. Então, ele começa a analisar de outra maneira as situações de sua vida, perguntando-se “quais são os meus reais sentimentos?” “quem eu sou?” e, a partir disso, ele começa a se questionar e a descobrir as respostas para essas perguntas que surgem ao longo da jornada para o autoconhecimento (ROGERS, 1992).

Essa característica do processo terapêutico se deve ao fato de que o terapeuta coloca o cliente em evidência, focando em quem ele é, em seus sentimentos, em suas percepções e análises sobre si mesmo (ROGERS, 1992) e, através disso, o cliente percebe que o controle está em suas mãos, que é o seu *self* que precisa ser reconfigurado ou reorganizado.

Outra característica que vale ser ressaltada e que faz parte do processo é a escuta; esta, se destaca por ser livre de preconceitos e julgamentos, ouvindo o indivíduo em sua totalidade, com suas imperfeições, mas sem que isso impeça-o de adentrar no mundo do outro (BORBA, 2016). A escuta é um grande desafio para o terapeuta, visto que ele precisará esquecer suas crenças e estar centrado, esquecendo dos sons que o cerca, para compreender aquele indivíduo (MACKAY, 2000). Através disso, o cliente se sentirá respeitado e compreendido e, assim, abrirá caminhos para que ele desfrute de si mesmo.

Ao falar de processo terapêutico, cabe lembrar também sobre o *setting* terapêutico. Este, é caracterizado pela relação diferenciada em que nele é estabelecida. Não é uma simples conversa entre duas pessoas, como o senso comum costuma chamar a psicoterapia, é o que acontece neste ambiente que faz a diferença,

o encontro de duas mentes em busca da realização. Além disso, o *setting* não é um local, é a maneira como o terapeuta conduzirá esse processo, pois, cabe ressaltar que nem sempre é em uma sala de consultório. Então, o *setting* é importante para o cliente, pois este, busca fortalecimento, crescimento pessoal e automotivação através desse ambiente que precisa ser acolhedor e confiável para ele (BORBA, 2016).

Ele, a pessoa, na perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa, é apresentado como responsável por suas ações, a proposta desta, como citado anteriormente, é que não haja direção por parte do terapeuta, pois o cliente é quem conduzirá como acontecerão as sessões terapêuticas (CÓTICA, 2016). Esse ponto foi duramente questionado na época em que Rogers trouxe a teoria à tona, principalmente por ela enfatizar o sentimento, a vivência e a experientiação, já que as demais abordagens falavam de um ser doente que precisava ser direcionado a um tratamento e de um comportamento que poderia ser controlado por meio de reforços ou punições (BOAINAIN JR, 1994; FROTA, 2012).

Esta abordagem tem como enfoque principal o presente, ou seja, aquilo que o cliente vivencia hoje e o que ele deseja trazer às sessões, não deixando para trás seu passado ou futuro, mas olhando o cliente através de suas relações com o mundo e consigo mesmo, como um todo, focando no potencial do cliente e nas questões trazidas por ele. Através desse olhar, Rogers, desde seus primeiros trabalhos, traz o terapeuta como facilitador do processo, pois, ao invés de direcionar o processo ou o que acontecerá nas sessões, ele se tornará participante direto na intervenção, ou seja, eles dividirão essa relação juntos, construindo uma nova relação (terapeuta-cliente) (CÓTICA, 2016). Esse é um dos grandes legados deixados pelas abordagens humanistas e existenciais: a interação que há na psicoterapia. O terapeuta vivencia as experiências imediatas do seu cliente (HOLANDA, 2009).

Em qualquer processo de psicoterapia, o terapeuta é uma parte altamente importante da equação humana. O que ele faz, a atitude que mantém, seu conceito básico do papel que desempenha influenciam notavelmente a terapia (ROGERS, 1992, p. 27).

Rogers, embora acredite que o terapeuta não deve direcionar o cliente, admite que suas atitudes podem influencia-lo de maneira positiva ou negativa. Sabendo disso, o terapeuta precisa analisar-se constantemente para perceber de que maneira essa relação está sendo construída. Se, por exemplo, o cliente está se tornando dependente dessa relação ao invés de aprender a ser independente e buscar sua

atualização constante, o terapeuta precisará rever suas atitudes, de modo que influencie o cliente a desenvolver-se efetivamente. Ainda, segundo Rogers (1992), estudar o próprio comportamento, através de gravações e transcrições, traz ao terapeuta a oportunidade de lapidar seu jeito de ser, moldando-o, modificando sua atitude e a hipótese da próxima sessão.

Através de sua própria experiência, Rogers traz um caso, em seu livro *Tornar-se Pessoa*, sobre o qual ele comenta a sua descoberta frente a condução que o cliente tem de si mesmo, ou seja, ele percebeu que o cliente tem totais condições para conduzir essa relação para que seja eficaz para ele, chegando até seus medos, problemas, anseios, incertezas e levando-o ao encontro da própria resolutividade (ROGERS, 2009).

Apesar da não-diretividade, Santiago (2010) comenta sobre a importância de não ficar preso a esta atitude, pois é engano pensar que isso nunca acontecerá, mas é importante que seja percebido e que se reflita sobre a intenção desta instrução que surgiu. Dessa maneira, o terapeuta poderá se perceber e ser autêntico consigo mesmo, entendendo suas atitudes e aceitando quem ele realmente é. Quando o terapeuta observa suas atitudes, ele começa a entender e separar os conteúdos que são dele e os que são de seu cliente, para que possam caminhar a uma relação saudável e construtiva.

Ainda, ao falar de suas experiências, Rogers, em *Tornar-se Pessoa*, comenta sobre sua formação enquanto ser terapeuta. Ao longo de suas próprias dificuldades e incertezas, ele percebeu o quão importante é que o terapeuta possa aceitar tanto seus insucessos quanto suas conquistas e que, dessa maneira, é possível aprender consigo mesmo a se tornar melhor, a desenvolver seu próprio potencial enquanto pessoa e terapeuta. Amatuzzi et al (2002) trazem, ainda, que o respeito que o terapeuta tem pelo outro, só será possível através de um bom autoconhecimento de si mesmo.

O intuito do processo terapêutico é fazer com que o cliente possa desenvolver-se, a princípio com a ajuda do terapeuta, buscando sempre a atualização daquilo que ele é para o que ele pretende ou quer se tornar e, juntamente com ela, a tendência atualizante acontece também com o terapeuta, fazendo com que os dois, cliente e terapeuta, possam desenvolver juntos uma melhor versão dessa relação e também como pessoa fora dessa relação (TAMBARA; FREIRE, 1999).

Além do crescimento do cliente, segundo Rogers (1995) citado por Silva (2006), um crescente e estável desenvolvimento pessoal do terapeuta é muito exigido dentro da ACP, mesmo sendo prazeroso, mas que é um trabalho árduo. O cliente exige muito do terapeuta – no sentido de estudo, atualização, crescimento e o desenvolvimento pessoal já mencionado, o que torna a relação extremamente intensa tanto para um quanto para outro. Rogers (1992) traz que o terapeuta ou orientador da abordagem precisa ter atitudes coerentes e em constante crescimento, considerando que suas experiências sempre o levarão a uma evolução constante de si. Ele também comenta que é necessário que o terapeuta não só siga uma teoria, mas acredite e leve-a como uma filosofia de vida, cuja “orientação tende a mover-se em direção a um maior respeito pelo indivíduo”.

Cabe ao terapeuta reestabelecer a sintonia da vivência do significado sentido do cliente e o seu *self*. Contudo, o cliente precisa sentir-se seguro e confiante para ser livre nesse ambiente (MACHADO, 2010). Para que isso aconteça, é necessário que o terapeuta tenha ferramentas que auxiliem nesse processo e, para facilitar a comunicação do processo de crescimento psicoterapêutico, Rogers propõe três atitudes facilitadoras que o terapeuta precisa desenvolver, são elas: aceitação positiva incondicional, autenticidade ou congruência e compreensão empática. Através delas, a relação terapeuta-cliente possibilitará a jornada do cliente rumo ao autoconhecimento (AMATUZZI et al, 2002; BENÍTEZ, 2007). É através delas que ao terapeuta será possível compreender o cliente de maneira inteira e, além disso, tanto um quanto outro se doarão a essa relação. No livro *Quando Fala o Coração* (1987), Bowen comenta que, para Rogers, se essas atitudes facilitadoras do terapeuta estiverem presentes na relação, o cliente terá mudanças (BENÍTEZ, 2007).

A aceitação positiva incondicional é a capacidade que o terapeuta precisa ter em aceitar o outro como ele é, o que independe de suas crenças, religião, orientação sexual, enfim, independentemente de qualquer situação, fala ou ação do cliente, ele precisa ser aceito por completo no *setting* terapêutico. O terapeuta precisa aceitar o outro, como Rogers (2009) disse, “como uma pessoa de autovalia incondicional”, mesmo que suas atitudes estejam destoadas com suas atitudes do passado. Para o cliente, ser aceito lhe traz segurança e afeição ao terapeuta, tornando-se mais confiável a esta relação, de modo que possa debruçar em si mesmo nesse ambiente (TAMBARA; FREIRE, 1999).

Além disso, o terapeuta precisa aceitar a si mesmo, com todas as suas falhas e seus atributos e, somente quando for capaz de aceitar que ele não é perfeito e que não precisa se encaixar em um molde social ou que foi imposto por alguém, somente aí ele poderá aceitar o outro de uma forma incondicional e inteira. Por isso, este é o principal instrumento de um terapeuta, talvez um dos papéis mais difíceis de ser cumprido (SILVA, 2006).

Já a autenticidade ou congruência é a transparência do terapeuta com o cliente, mas principalmente consigo mesmo. É dessa maneira que o terapeuta consegue ser legítimo com seus próprios sentimentos e descobertas e, não somente isso, mas precisa haver disposição por parte dele em expressar e ser aquilo que realmente ele é. Sendo assim, ele será autêntico com o seu cliente de modo que, como Rogers (2009) enfatiza, essa característica será uma das grandes responsáveis pela autenticidade do cliente consigo mesmo, tornando essa relação real. Ainda, ele comenta que através dessa atitude, o cliente conseguirá também ser autêntico em outras relações e é também uma das intenções da psicoterapia.

E, por fim, a compreensão empática, é a possibilidade de o terapeuta compreender o cliente através de seus próprios olhos, mesmo que este se perceba como terrível, frágil, inconsequente ou incoerente. Ainda, pode ser caracterizada como a capacidade de se colocar no lugar do outro, sentir o que ele sente, compartilhar das mesmas sensações do outro (SANTIAGO, 2010). É através dessa atitude que o cliente poderá se tornar livre para explorar todos os mínimos detalhes de sua própria essência e existência, todas as suas brechas atemorizantes, as quais foram soterradas (ROGERS, 2009). A atitude de compreensão é um aspecto percebido pelo cliente, trazendo a ele o sentimento de que é compreendido, talvez pela primeira vez, fazendo diferença no modo como ele vê essa relação e trazendo a ele a confiança que necessita para que a relação possa ser eficaz.

Nesse relacionamento, o indivíduo se torna mais integrado, mais efetivo. Exibe menos daquelas características que são normalmente intituladas neuróticas ou psicóticas, e mais daquelas características da pessoa sadia e em bom funcionamento. Ele muda a percepção que tem de si mesmo, tornando-se mais realista em suas visões do eu. Torna-se mais semelhante à pessoa que deseja ser. Ele se valoriza mais. Mostra-se mais autoconfiante e autodirigido. Apresenta uma melhor compreensão de si mesmo, tornando-se mais aberto à sua experiência, negando ou reprimindo menos a mesma. Torna-se mais aceitador em suas atitudes com relação aos outros, vendo-os como mais semelhantes a si mesmo (ROGERS, 2009, p.42).

Rogers (2009), ao analisar as suas experiências com seus clientes, percebe que, mesmo que o indivíduo tenha passado por poucos momentos em terapia, são reais os resultados e benefícios dessa abordagem menos diretiva. Ele comenta que se o terapeuta for capaz de criar essa relação – descrita como: autêntica e transparente, consigo mesmo e com o outro; composta de aceitação e afeto por esse indivíduo como um ser diferente e único, compreendendo-o através de suas próprias vivências e vendo-o como ele enxerga o mundo e a si mesmo, então o cliente será capaz de compreender a si mesmo e aos outros, enxergando aspectos antes escondidos; se tornará mais semelhante àquilo que gostaria de ser; será mais autoconfiante e diretor de si mesmo e se realizará enquanto pessoa, compreendendo sua excepcionalidade.

5 RELATO DE EXPERIÊNCIA

5.1 O ESTAGIÁRIO E SUAS RELAÇÕES: SOB O OLHAR DA VIVÊNCIA

Não nasci com o desejo de ser psicóloga, isso foi algo que se construiu e começo esse capítulo relatando a minha trajetória para chegar à Psicologia. Durante a infância, passei por momentos em que as pessoas diziam ser necessária a minha ida ao Psicólogo, por isso, eu já conhecia essa profissão, mas nunca havia me interessado por ela a ponto de chamar de “minha profissão”.

Durante toda a minha infância, sempre quis ser juíza. Meu pai era policial, cursou Direito e atualmente é advogado e eu sempre tive o desejo de seguir junto com ele, pois ele é e sempre foi inspiração para mim. Eu o acompanhava algumas vezes nas aulas e me interessei pelo curso. Confesso que nunca fui uma aluna exemplar, com notas extremamente altas, contudo eu sabia que precisaria de mais dedicação se eu quisesse chegar ao meu propósito: juíza. No último ano do ensino médio, estive em uma audiência de instrução e julgamento na cidade de Guajará-Mirim, acompanhando meu pai, e eu simplesmente me apaixonei pela juíza que acompanhou o processo. Coincidentemente, o nome dela também era Juliana, ela tinha presença, era séria, competente, elegante, confiante e eu decidi que realmente era o que eu queria.

Ainda no mesmo ano, uma de minhas colegas de classe contou que era apaixonada por Psicologia e que seria seu sonho cursá-la. Interessei-me pelo curso, por já conhecer a profissão e por saber que minha mãe tinha o desejo de um dia poder cursar, mas não havia desistido do Direito. No meio do ano, havia um vestibular na faculdade de Direito e eu me inscrevi, fiz o vestibular e passei para minha segunda opção, que era Psicologia. Apesar de ter ficado feliz, não me matriculei por não ser o que eu realmente queria no momento e por não ter terminado o ensino médio ainda.

Nos últimos seis meses do ano, por já ter interesse na área, disse que faria Teologia e foi o fim para meu pai: passar de juíza a pastora. Depois de muita conversa, decidi que não desistiria desse segundo sonho, mas que não seria o primeiro a se realizar. Então, aos quarenta e cinco do segundo tempo, eu tinha três opções em meu coração: Direito, Psicologia e Teologia. Através de minha fé, decidi que faria o vestibular de Direito, que sempre foi o que eu pensei querer, mas com uma ressalva: se eu não passasse, saberia que não era esse o propósito de Deus para minha vida

e aceitaria Psicologia. Dito e feito. Não passei em Direito. Desesperei-me, infelizmente, porque havia me esquecido do compromisso que tinha feito. Alguns dias se passaram e eu me lembrei do que havia proposto à Deus, então me acalmei e decidi me inscrever no vestibular da FAEMA para Psicologia, que era no próximo domingo, fiz a prova muito confiante de que era isso que Deus havia preparado para mim e passei.

Ao falar do curso de Psicologia, para mim, posso resumi-lo em duas palavras: desafios e descobertas. Primeiro por não ser a minha primeira opção e segundo por realmente desafiar as minhas limitações. Comecei aceitando minha ignorância frente ao curso, pois eu nunca havia pesquisado nada sobre Psicologia, por isso estava disposta a aprender sempre. No entanto, desde o começo, tive dificuldades quanto à leitura, pois nunca gostei de ler. Então todo trabalho era difícil para concluir (inclusive este). Nas escolas pelas quais passei, sempre fazia trabalho no “Ctrl+C e Ctrl+V”, pois nunca fui orientada a pensar e escrever a ideia de certo texto com as minhas próprias palavras, e na faculdade tive dificuldades quanto a isso, tanto que tive plágio no primeiro semestre.

Apesar das dificuldades, tenho prazer em dizer que eu amo a psicologia e que ela me mudou de uma maneira positiva. Hoje, apesar de não ser minha paixão (nada supera o amor por cantar), eu consigo ler muito melhor que antes e ter mais prazer nisso, que foi uma grande dificuldade no início. A graduação me impulsionou a questionar e pensar sobre tudo em minha vida, isso foi fundamental para desenvolver o senso crítico e passar a ser uma pessoa que abre os olhos de outras pessoas por meio do conhecimento.

5.2 A RELAÇÃO ESTAGIÁRIO-SUPERVISOR

Muitas pessoas podem pensar que a supervisão é algo desnecessário. O estagiário chega, fala sobre a situação vivenciada no estágio, o supervisor faz algumas pontuações e fim. Alegro-me em dizer que não é só uma conversa ou orientação, como aparenta ser. É algo muito mais profundo do que uma simples conversa entre colegas. Enfatizo, ainda, que é imprescindível para obter sucesso como profissional (BARRETO; BARLETTA, 2010).

Ponto que esse processo começa antes mesmo da supervisão propriamente dita. No começo de tudo, ao iniciar o curso, nós, acadêmicos, nos identificamos com alguns professores, mas não com todos, e com alguns, em especial, temos profunda admiração, respeito, empatia, simpatia e desejo de vivenciar alguns momentos únicos, como a orientação do trabalho de conclusão de curso e a supervisão. Aqui começa a escolha pelo supervisor de estágio. No caso da Psicologia, a abordagem seguida pelo professor é de grande importância para que se escolha o supervisor, visto que precisa haver uma identificação do acadêmico com a abordagem, como algo que ele gostaria de seguir em sua profissão.

Ao começar o estágio, percebemos que tudo isso faz muita diferença. Alguns alunos não conseguem continuar naquela mesma direção durante os quatro períodos de estágio, talvez por identificação com a abordagem ou com o professor supervisor, ou o método de ensino, enfim, muitos são os desafios. Outros, permanecem e se apaixonam ainda mais pela abordagem escolhida e pela profissão.

Como mencionado, eu diria que estar em supervisão não é simplesmente ouvir um *feedback* do seu atendimento com o cliente, mas é ser confrontado também. Assim como o cliente enfrenta suas dificuldades, nós, como pessoa, também enfrentamos muitos obstáculos ao longo desse processo e a supervisão torna isso muito real e evidente (TAVORA, 2002). Através desse processo, é possível olhar para dentro de si, perceber seus erros como terapeuta, mas também suas limitações enquanto ser humano. É também ver seus conflitos militando com os do cliente e tentar resolvê-los, e, ainda, suas vivências tentando gritar mais alto nessa relação. Ao perceber isso, somos confrontados pela realidade que, algum dia, não conseguimos vivenciar por inteiro, e percebemos que é hora de resolver de uma vez por todas e colocar um fim nesses sentimentos que nos aprisionam. Silva (2006) comenta que é necessário que o terapeuta não somente tenha conhecimento teórico, mas que ele tenha mudanças genuínas. Aparentemente, é fácil dominar as teorias da Abordagem Centrada na Pessoa, contudo, através da supervisão, é possível compreender que é necessária uma transformação por parte do terapeuta (SILVA, 2006).

Barreto e Barletta (2010) comentam que a relação estagiário-supervisor é muito diferente do aluno-professor, visto que há uma proximidade maior, de modo que ambos expressam suas vulnerabilidades e potencialidades. Relato que, para mim, a supervisão foi um momento singular e de receio, pois a supervisora, Carla, é minha cunhada e vivenciamos outros momentos em outros grupos diferentes. Ao escolhê-la,

eu já sabia que precisaria me abster de sentimentos que confundissem a relação de supervisão. Porém, esse fato me deixou um tanto quanto temerosa ao me entregar a essa relação, pois tive medo de confundir a relação de cunhadas com a supervisão. Lembro-me, ainda, de que no primeiro semestre ela também teve essa atitude, visto que não gostaria de confundir os sentimentos e vivências de uma relação com a outra. Ao findar este primeiro semestre, em supervisão, ela comentou que teve receio em instigar mais as minhas experiências, pois ela conhece a minha vida por outro ângulo, impedindo que ambas pudessem crescer mais nessa relação. Ao analisar e perceber nossas atitudes, vivenciamos uma mudança genuína, permitindo o desenvolvimento de ambas. Barreto e Barletta (2010) ainda afirmam que é necessário que haja uma postura empática e assertiva por parte do supervisor, de modo que facilite o processo do supervisando, a fim de que haja um grupo de confiança e coeso, além do mais, é necessário que se tenha colaboração mútua, para que ambas as partes tenham desenvolvimento.

A supervisão, ainda, é se entregar a um grupo de pessoas e esperar isso em troca. É ser tocado pela troca de vivência com os demais colegas e ser confrontado pelos erros dos outros também. É compartilhar experiências e crescer juntos. Aqui, nessa relação, há um importante movimento quando os colegas fazem pontuações sobre as atitudes do terapeuta em questão e conseguem analisar a situação vivenciada com outros olhos. É uma relação de ajuda (TAVORA, 2002).

Vale destacar que a supervisão não deve servir de molde como de corte e costura, que deve ser seguido ao pé da letra, mas servirá de base, não para serem copiados, mas para serem reformulados e, para cada indivíduo, fazer, à sua maneira, o seu jeito de ser terapeuta. Tavora (2002) comenta que há um momento em que o estagiário começa a perceber a sua própria identidade profissional e se diferencia dos demais colegas e do supervisor. Aliás, Rogers (1992) afirma que cada um tem o seu jeito de ser como pessoa, valendo-se deste pensamento também para o terapeuta, implicando na possibilidade de desenvolver-se e medir esforços para criar o seu próprio modo de ser.

Tambara e Freire (1999) comentam que o terapeuta, que antes dirigia e avaliava o cliente, assume agora o papel de facilitador de um processo, deixando o cliente com maior envolvimento na relação. Trago esse pensamento ao falar da relação de estagiário-supervisor, pois o supervisor precisará permitir esse aperfeiçoamento do acadêmico, como em uma relação terapêutica. Através dessa

atitude, o acadêmico se sentirá confiante para tomar suas próprias atitudes e criar a sua identidade como profissional psicólogo e o supervisor precisa confiar no potencial do supervisando, promovendo, através dessa atuação, o crescimento desse indivíduo (TAVORA, 2002).

Tavora (2002) ainda comenta que para o treinador/supervisor é um processo que também demanda esforço, visto que ele precisa controlar a si mesmo sobre a vontade de guiar e induzir o processo do acadêmico em tornar-se terapeuta. Rogers (2009) comenta que é preciso aceitar a si mesmo, compreendendo as falhas e as imperfeições, percebendo que nem sempre atuaremos como gostaríamos de atuar. Portanto, o supervisor também passa pelo processo de aceitação, ao ser necessário entender que, nessa relação, ele também precisa abrir mão do processo de cristalizar-se; ao invés disso, ele precisa modificar-se constantemente, de modo que influencie positivamente no processo de crescimento do estagiário.

5.3 A RELAÇÃO ESTAGIÁRIO-CLIENTE – UMA RELAÇÃO DE CRESCIMENTO

No começo do estágio clínico, estava muito confiante, pois achei o processo de triagem simples, pensei que fosse mais cabuloso. Foi simples para mim. Não tive dificuldades quanto ao atendimento da triagem. Comecei pensando estar preparada e via as pessoas comentando suas dificuldades e pensava: “ou eles estão loucos ou eu estou vivendo em outro mundo, não pode ser o mesmo estágio”. Como disse, não vi dificuldade alguma no processo da triagem.

Quando temos o primeiro contato com a ficha de triagem (antes de triar), ficamos imaginando como responder todas aquelas questões sem fazer perguntas, pois a Abordagem Centrada na Pessoa não tem um roteiro pronto para seguir, já que não é diretiva. Por isso, o primeiro encontro foi duvidoso, pois eu me questioneei ao final da sessão se eu tinha todas as informações necessárias. No entanto, aprendemos que não é um processo tão rápido. Começamos a entender como funciona cada cliente, pois cada um tem seu ritmo e entendemos que adquirir as informações necessárias não será num piscar de olhos. Ao finalizar o primeiro atendimento, saí me sentindo muito confiante, foi maravilhoso poder vivenciar essa experiência. No entanto, o que é difícil na triagem é o fato de o cliente não permanecer,

pois ele passará a ser atendido por outro estagiário. Então, quando começamos a estabelecer uma relação terapêutica, já é hora de partir, e isso nos deixa com gostinho de quero mais. Contudo, isso não foi uma dificuldade em todas as triagens que realizei, pois eu compreendia que, ao findar as três ou quatro sessões, este cliente seria passado a outro estagiário, ou seja, eu havia me preparado para esse desligamento (o que sinaliza o meu controle).

O processo terapêutico é um pouco diferente, visto que o tempo de duração é maior. Por isso, exige muito mais do terapeuta, pois aqui ele será o terapeuta por tempo indeterminado e sabe que não passará para outra pessoa daqui três ou quatro sessões. Ele precisa estar centrado no cliente, na história que lhe será compartilhada e, além disso, na relação que estarão estabelecendo, pois ela guiará o processo terapêutico do cliente (ROGERS, 2009). Além disso, o terapeuta já começa a triagem sabendo que terá um fim e o processo terapêutico propriamente dito não tem data prevista.

Ao longo do processo de triagem, tive muita dificuldade com as transcrições, não só da triagem, mas no início do processo terapêutico também. Lembro-me de que a segunda transcrição que fiz já começou a se tornar pesada demais para mim. Até hoje não compreendo o motivo dessa dificuldade, mas acredito que muitos clientes tiveram histórias, de certa forma, parecidas com a minha história de vida e isso pode ter sido um dos motivos pelos quais eu me sentia confrontada através das gravações e transcrições. Acredito, também, que muitas vivências da minha vida ainda não estavam bem resolvidas e, quando confrontadas, foram um peso para mim e se tornou um sacrifício terminar os relatórios¹ dos clientes. Ainda que eu tivesse essa dificuldade, os atendimentos não foram prejudicados, quanto aos meus estudos sobre os casos, pois sempre conseguia me lembrar e lincar/linkar muito bem as sessões, mesmo que já tivesse se passado semanas, e isso foi primordial para conseguir progredir com os meus clientes.

Neste momento em que inicio o relato de algumas das minhas experiências enquanto estagiária, tratei o caso com um nome fictício, escolhido especificamente para cada caso de acordo com o significado do nome e as características da pessoa atendida. Dentre os 11 atendimentos realizados, sendo 4 de triagem e 7 em processo

¹ Os relatórios citados são feitos ao final de cada semestre. Quando em triagem, todos os clientes serão tratados em um só relatório; quando em processo terapêutico, cada cliente terá um relatório exclusivo, relatando os atendimentos, encaminhamentos, progresso e análise feita pelo terapeuta-estagiário.

terapêutico, irei abordar os que acredito que, de certa forma, trouxeram um crescimento e amadurecimento profissional mais significativo.

Ao longo desse caminho, tiveram muitos momentos difíceis em que eu deixei de acreditar no meu potencial enquanto terapeuta. Um dos momentos mais difíceis que tive como terapeuta em prática de estágio supervisionado, foi quando recebi a cliente Marie, que apresentou a queixa de luto e tentativa de suicídio, no entanto ela não voltou depois dessa primeira sessão. Essa experiência foi extremamente ruim para mim, pois, me senti impotente, falha, pensei que pudesse ter dito algo que ela ainda não estivesse preparada para receber e ouvir – analisei por vários dias a minha conduta como terapeuta, percebendo se eu estava realmente centrada nela, dando as devidas devolutivas em resposta reflexo. Confesso que fiquei com medo de que a cliente cometesse suicídio, já que havia tentado outras vezes, o que me fez ficar atenta aos noticiários da cidade. Ressalto ainda que, segundo Rogers (1992), é importante que o terapeuta faça essa análise sobre si mesmo, percebendo sua conduta diante do processo terapêutico de modo que reflita sobre seus comportamentos, sentimentos e falas nessa relação com o outro.

Dentre minhas análises e estudos com o caso, percebi que não houve dificuldade em acolhê-la, aliás, me senti confortável, pois não olhei a queixa ou a emergência do caso, mas a cliente que estava em minha frente, a pessoa em sofrimento. Poelman (2012) comenta que é importante lembrar que não é fácil para o cliente buscar ajuda. Na verdade, essa decisão é marcada por um conflito, onde uma parte deseja a ajuda e a outra parte hesita, tendo medo do que pode acontecer ao se entregar a alguém desconhecido. Contudo, por mais que eu soubesse que a busca por ajuda psicoterapêutica é difícil e que Marie tenha comparecido contra a sua vontade, não ter voltado me deixou muito angustiada, minha vontade era de abraçá-la e não deixar “ir embora”. Nesse momento, me coloco em análise e em evidência ao retratar que esse desejo não foi nada profissional, que a minha preocupação foi humana, fugindo de uma relação terapêutica ao fato de não saber, naquele momento, como lidar com as minhas emoções e sentimentos oriundos dessa relação. Compreendi que, talvez, era o que eu gostaria que fizessem comigo se eu estivesse na situação dela.

Fontgalland, Moreira e Melo (2018) comentam sobre a compreensão empática e a empatia, dizendo que a compreensão empática é mais profunda e envolve a característica de o terapeuta viver a experiência e conseguir distinguir que é “como

se” fosse o cliente e não estando no lugar dele, como é o caso da empatia. Trago esse pensamento, pois no caso com a cliente Marie, eu não vivi a compreensão empática, mas me coloquei no lugar dela, deixando a experiência tomar conta de mim e me envolvendo, misturando-se com os meus sentimentos.

Aysha, aproximadamente 24 anos, era uma cliente com muita simplicidade, humilde, de linguagem precária, com dificuldade para entender palavras de média complexidade e, então, entendi que era necessário mudar o meu falar com ela. Precisei buscar palavras mais simples para me comunicar com ela e, algumas vezes, precisava explicar o que eu queria dizer com tal afirmação ou pontuação. Isso tornou a nossa relação mais fácil para ser estabelecida, pois eu entendi essa necessidade que a relação solicitava. No entanto, por estar focada nessa “humildade” da cliente, não acreditei que ela pudesse transformar seu ambiente e sua personalidade tão rapidamente, como se dependesse de repertório linguístico ou cultural para tal mudança, em outras palavras, deixei de acreditar na sua potencialidade e, conseqüentemente, no seu crescimento. Embora estivéssemos trabalhando o empoderamento feminino e em todo tempo estivéssemos na premissa do valor pessoal, que ela era muito mais do que dizia ser e que poderia ir muito mais além do que acreditava, eu mesma não acreditei nisso e não confiei que ela conseguiria pôr em prática, hoje percebo que não a aceitei incondicionalmente. Silva (2006) ainda vai dizer que o terapeuta tem uma dificuldade estabelecida, pois ele é visto como alguém que avalia e direciona. Trago esse pensamento para complementar a análise de minha atitude, visto que, de alguma maneira, avalei a cliente, chegando à conclusão medíocre de que ela não teria condições de evoluir. Em todo o seu trabalho, Rogers comenta sobre a importância de o terapeuta valorizar o cliente e fazê-lo entender e encontrar o seu valor. Machado (2010) acrescenta que quando o cliente percebe seu valor, este consegue compreender que pode ser verdadeiro nesse ambiente (*setting* terapêutico), despindo-se de suas máscaras e desfazendo suas fachadas, para que ele possa realizar a si mesmo.

Honda e Yoshida (2012) comentam sobre a autorreavaliação e a autoliberação, dizendo que são alguns dos processos de mudança na psicoterapia e, com a cliente Aysha, esse processo provavelmente estava acontecendo. Ao reorganizar a imagem que ela tinha de si mesma, percebendo seus valores, reconheceu que precisava se responsabilizar pela mudança do problema e, começou a praticar isso. O ritmo dela

foi rápido, se compararmos com outros, e isso impediu que eu acreditasse que pudesse ser algo tão repentino.

Após análise em supervisão, percebemos (eu e a supervisora) que o problema não estava nela, mas sim em um marido que não a deixava perceber o seu potencial e precisava que ela fosse essa pessoa “medíocre” que dependesse dele em tudo e para tudo. Com a desistência dela, pouco antes de nossa análise, entendemos que ela já havia colocado algo em prática, uma mudança de personalidade, e esse marido estava se sentindo ameaçado, já que o filho também estava em processo terapêutico e agora a esposa também, demonstrando mudanças genuínas, mas que perturbam o estado da relação conjugal. Percebi que eu deveria ter olhado além daquilo que os meus olhos enxergavam, deveria ter me entregado mais à nossa relação, para que eu pudesse senti-la de maneira mais inteira. Aqui, novamente, cito a atitude de compreensão empática, pois eu percebi que não a compreendi genuinamente, ao invés disso, somente senti empatia pela cliente, mas precisava ter acontecido uma compreensão genuína para que o processo fosse duradouro o suficiente para trazer êxito (FONTGALLAND; MOREIRA; MELO, 2018). Eu falhei como terapeuta. Agora sei que ela poderia ter ido muito mais além do que eu mesma imaginava. Hoje, percebo o quão enriquecedor é aceitar outra pessoa, pois é dessa maneira que posso ajudá-la a tornar-se pessoa (ROGERS, 2009).

Ivy buscou atendimento terapêutico para seu filho de 13 anos e, por este ser menor de idade, as triagens foram feitas com ela. O filho chegou ao Serviço Escola com queixa de mau comportamento na escola e, através da mãe, começou-se a investigação sobre a vida deste adolescente. Eu, em entrevista inicial e anamnese, percebi que a mãe não acreditava no potencial do filho, não via nele o amor que ela dizia sentir e tentou passar em seu discurso. Em sua fala, o filho, no entanto, demonstrava a sua insatisfação através de brigas na escola, principalmente a insatisfação de não ter o pai por perto. O pai esteve preso por um tempo, mas fugiu e hoje encontra-se foragido da justiça. O filho presenciou o pai sendo agredido e preso. Após a situação, o filho começou a apresentar violência e agressividade na escola.

Depois de ouvir toda a história desse menino e por ter vivenciado algo parecido a isto, me comovi e compreendi a atitude desse filho. Eu quis abraçá-lo e levá-lo para casa, cuidar, dar amor e carinho, tudo aquilo que estava faltando nesta relação familiar. É agonizante você perceber o que precisa mudar e a pessoa não querer abrir os olhos; posso descrever como se eu quisesse chacoalhar a pessoa e dizer “ei,

acorda, ele precisa do seu cuidado, você não vê tudo que ele já sofreu?”. Novamente, faço menção à empatia, enfatizando que minha atitude foi apenas de colocar-me no lugar do outro, deixando meus sentimentos se misturarem com os da vivência do caso em questão, impedindo que eu compreendesse empaticamente a situação e a pessoa em sofrimento (FONTGALLAND; MOREIRA; MELO, 2018). As minhas experiências de vida se misturaram com as do cliente, fazendo confusão com os sentimentos vivenciados através da relação terapeuta-cliente e os sentimentos da terapeuta como pessoa.

Era fato que essa mãe precisava de ajuda e eu até indiquei o processo terapêutico, pois em alguns momentos ela se demonstrou fragilizada com sua história de vida e se emocionou, contudo, ela ainda não estava preparada para isso, por isso foi hesitante à minha indicação, e essa atitude demonstrou que eu não estava centrada na cliente e não consegui compreender o seu momento. De qualquer forma, minha atitude em querer levar esse menino para casa não foi profissional, visto que eu deixei o sentimento de pena prevalecer e não é assim que um terapeuta deve proceder. Por mais que seja nítida a negligência, eu não posso tomar uma atitude que não cabe ao meu papel nesta relação. Para Rogers (2009), o terapeuta tem como principal função facilitar o processo, jamais conduzir ou direcionar o cliente. O que se entende por facilitar o processo? Pode ser explicado da seguinte maneira: abrir caminhos para que o cliente conduza o processo. Ou seja, o terapeuta abrirá caminhos dentro da perspectiva do próprio cliente, para que juntos, eles possam trilhar algum destes. Para ficar ainda mais claro, enfatizo da seguinte maneira: eu, como terapeuta, posso segurar em sua mão e pedir que ele escolha algum destes caminhos, mas não posso pegar na mão dele e sair conduzindo-o aonde eu acredito que pode ser melhor e mais confortável.

Amora, há mais ou menos 3 anos em atendimento no Serviço Escola da FAEMA, era uma cliente com a vida sofrida. Casada pela segunda vez, sofria com os resquícios do divórcio anterior e a divisão de bens. Em meio ao sofrimento da cliente, confesso que este foi um caso bastante engraçado para mim, ela se deu alta na terceira sessão. Por dentro eu queria dar risada porque eu, sinceramente, não sabia o que responder e, apesar de tê-la atendido somente três vezes, era nítido que ela era emocionalmente inconstante, já que no primeiro atendimento ela veio empoderada, como se não tivesse problema algum, no segundo destruída e desinteressada e neste último novamente empoderada de si mesma; posso também

acrescentar que me senti desesperada porque ela precisava de terapia tanto quanto a chuva precisa das nuvens para cair e, como o processo é direcionado pelo cliente, eu não poderia interferir em suas decisões, além disso, eu fiquei sem ação, já que ela chegou despejando tudo, a ponto de eu não conseguir falar nada. Nesse momento, faço menção ao atleta-guia que, como o terapeuta, conduz o processo do atleta-cego rumo à chegada em uma competição de corrida, por exemplo. Assim como o terapeuta orienta o cliente quanto aos obstáculos no caminho em seu processo de crescimento, o atleta-guia assim o faz (PEREZ, 2008). Além disso, como ao cego lhe falta um dos sentidos, o guia servirá para “orientação do atleta quanto à posição de saída, bem como à condução ao longo do percurso, em que eles devem estar lado a lado” (PEREZ, 2008). Nós, terapeutas, também estamos ali para conduzir e auxiliar no processo de crescimento do cliente, emprestando nossos ouvidos para ouvi-lo, mas, principalmente, nossos olhos para explorar com ele os sabores desse novo lugar e também para ver algum obstáculo que ele, por inúmeras razões, não esteja conseguindo enxergar sozinho. Para finalizar esta reflexão, cabe a mim apenas a função de guiar o processo do cliente, mas, principalmente, lembrar que esse caminho será de escolha dele e, como terapeuta, preciso compreender se ele não quiser percorrê-lo.

Santiago (2010) comenta sobre a importância de o cliente saber que este espaço é dele e que a evolução do processo terapêutico dependerá de sua disponibilidade em explorar os lugares indesejáveis de seu íntimo. Acredito que a cliente possa ter se sentido ameaçada com a troca de terapeuta e, por esquecimento meu, eu deveria ter frisado a ela sobre a colocação de Santiago, dizendo que neste espaço ela não precisava temer, pois juntas enfrentaríamos toda e qualquer situação. Ainda, ressalto que deveria ter orientado a cliente sobre a necessidade de terapia e as percepções que eu tive durante nossos encontros. Ao longo do discurso dela, fui percebendo a inconstância, principalmente por ela mesma já ter dito que não se conhecia e isso se confirmou para mim nessas três sessões. Fiquei alguns dias pensando neste caso e refletindo se algo teria acontecido ou poderia acontecer, pois a cliente mencionou o desejo de vender pamonhas pelas ruas com sua bicicleta, porém, ela havia mencionado em outra sessão um episódio em que ela ficou desorientada andando pelas ruas sozinha. Como já mencionei, a cliente é inconstante. Ela pode até dizer que planeja e pensa muito antes de concretizar algo, mas, muitas

vezes, ela deixa de usar a razão e age muito pela emoção do momento, esquecendo-se de coisas importantes como o uso de benzodiazepínicos.

Durante o processo terapêutico de Pedrita (10 anos), tive muita dificuldade quanto ao seu mundo “monótono” (meu mundo), pois era como um ritual: sentávamos no mesmo lugar, colocávamos nossos sapatos e a caixa lúdica sempre no mesmo lugar, o que, com algum tempo, começou a me deixar incomodada, principalmente, porque eu sou assim – difícil de adaptar-me às mudanças, gosto das coisas sempre no mesmo lugar e do mesmo jeito, então mudar é muito difícil para mim. Em um certo dia, por coincidência, mudamos nossos lugares, a caixa, os sapatos, enfim, mudamos tudo que antes tinha um lugar “marcado” e a sessão fluiu como nunca havia acontecido antes. Por vezes me perguntei se a “mesmice” estava atrapalhando o processo da cliente, questionei a mim mesma sobre o que poderia estar impedindo que ela evoluísse, até que cheguei à conclusão de que eu precisava abrir mão de certas atitudes que são minhas para que ela pudesse se sentir mais confortável e acolhida no *setting* terapêutico, ou seja, percebi que estava direcionando e não sabendo aceitar esse mundo que ela trazia, assim não era congruente com ela nem comigo mesma.

No livro *Quando Fala o Coração*, Santos (1987) fala que é necessário ter um olhar atento a esses “pequenos” detalhes, pois se a relação não está nos levando a lugar algum, é sinal de que precisamos (talvez cliente e terapeuta juntos) rever o que nos impede de prosseguir. Vale ressaltar que repensar nossas atitudes e nossas relações é extremamente válido também fora da terapia e é dentro do ambiente terapêutico que aprenderemos a enxergar com outros olhos as nossas relações com o mundo. De certa forma, o processo estagnou com a monotonia que eu sentia e, muito provavelmente, ela também e, infelizmente, impediu que a cliente tivesse um crescimento maior do que o esperado, mas, depois dessa análise, a cliente progrediu significativamente no processo – eu, como terapeuta, cresci percebendo a minha atitude e analisando a mim mesma, chegando a conclusão de que nós, terapeutas, precisamos abrir mão de algo que, muitas vezes, parece ser pequeno, para que o outro se sinta completamente aceito e confortável nesse ambiente, além do mais, esse ambiente, antes de ser meu, é dele.

Descobri que, ao longo das sessões e pessoas que passaram por mim, tive medo do julgamento e deixei isso me envolver. Isso aconteceu com a cliente Candy, 38 anos. A cliente, evangélica, em uma das sessões me perguntou sobre uma viagem

que eu faria e que eu comentei para justificar a troca de dia e horário da próxima sessão, respondi a verdade, dizendo que seria uma viagem pela igreja e, então, ela me perguntou qual era minha igreja e eu a respondi. Contudo, isso me deixou bastante intrigada, já poderia prever que algum problema aconteceria na nossa relação. Ao chegar na supervisão, após esse encontro, comentei com a supervisora “Carla, acho que fiz uma coisa errada”, dito e feito: ela confirmou que isso poderia interferir na nossa relação. Infelizmente, essa informação sobre mim fez com que o processo terapêutico não fluísse tanto quanto gostaria, pois nossas sessões pareciam como de duas amigas: eu, intrigada, incomodada, angustiada por não ter clareza do que estava acontecendo e ela me tratando como sua comadre ou vizinha. Não somente isso, eu estava com medo de dizer algo que fosse contrário aos princípios bíblicos e que pudesse ser espantoso para ela; me preocupei com o julgamento dela ao meu respeito e a minha identidade cristã. Quando percebemos (eu e a supervisora) o que estava atrapalhando esse processo terapêutico, logo pude mudar e confrontar o meu movimento e, dessa forma, ainda obtivemos algum sucesso às questões daquela cliente ao final do ano.

Moana, aproximadamente 22 anos, foi um dos casos em que eu mais tive identificação pessoal. Esse processo de triagem teve três sessões. A cliente chegou relatando muita ansiedade e uso inadequado do tempo livre, procrastinando todas as suas tarefas. No momento em que eu recebi essa cliente, minha vida estava de pernas para o ar e eu estava como ela: ansiosa, fazendo tratamento para ansiedade, procrastinando meu TCC, passando por dificuldades familiares, conjugais, emocionais e psicológicas. Era como se ela chegasse e me descrevesse todas as vezes: o que sentia, o que fazia, o que dizia, parecia que eu estava me vendo nela. Embora tenha acontecido essa identificação, por se tratar de um processo de triagem, de coleta de informações, eu fiz o que era proposto: compreender a cliente e sua queixa. Mas eu sei, eu não consegui me entregar totalmente a ela, eu tive medo de que as nossas histórias se misturassem e que, por um descuido, eu pudesse invadir a história dela com a minha realidade. Messias (2002) comenta sobre a atitude do terapeuta em dar ênfase ao conteúdo do cliente e não ao significado sentido da vivência. Ele ressalta que o conteúdo é apenas aquilo que o cliente verbaliza, é o material que é trazido em sessão. Já a vivência, é a experienciação dos conteúdos. Essa pontuação reflete o movimento que eu tive com a cliente Moana, pois ao refletir somente os conteúdos,

evitei a entrega total e a experiência da relação com a cliente, vivemos apenas um atendimento e não a psicoterapia propriamente dita.

Nina foi um caso extremamente promissor. Ela retornou ao Serviço Escola questionando porquê não haviam retornado o atendimento dela, pois não havia ganhado alta da terapeuta-estagiária anterior. Me inteirei do caso através das anotações anteriores e começamos a psicoterapia. Ela teve medo de não gostar da nova terapeuta, mas demonstrou ter simpaticidade logo no começo. Ao longo das sessões, ela foi se despidendo de suas armaduras e construímos uma relação muito agradável. Ela fazia tratamento psiquiátrico, contudo, me confessou que não havia sido tão sincera com seu médico, contando superficialmente suas dificuldades. Por isso, orientei que ela voltasse e fosse o mais sincera possível, enfatizei que não seria fácil, mas que era necessário para que ela pudesse ter êxito em seu processo.

É interessante ressaltar que, como ela já havia feito psicoterapia com outra pessoa e obteve êxito, ela confiava no processo, mas não confiava em si mesma. Durante nossos encontros, fui percebendo seu progresso e mostrando a ela o quanto estava evoluindo. Isso foi muito significativo, pois ela passou a acreditar que só ela poderia mudar aquilo que era um problema ou que estava impedindo que ela fosse feliz. Quando começamos a adentrar um dos mais difíceis temas para ela, a morte de seu pai, seu sogro veio a óbito e sua sogra passou a conviver e depender muito dela e de seu marido. Cabe mencionar que o relacionamento com a sogra já era um problema desde que ela se casou e ela havia conseguido impor limites nessa relação, porém, com a nova situação da família, a sogra voltou a incomodar o relacionamento familiar e desestruturou os limites que haviam sido impostos. Agora, com esse novo problema, a cliente voltou a temer aquilo que já havia enfrentado antes e teve muito medo de perder a liberdade que havia conquistado nesses últimos dez meses. Mesmo sentindo medo, vale ressaltar que as bases estavam bem alicerçadas. Todo o trabalho até aqui já havia sido de grande valor para que a Nina pudesse compreender que ela é a peça fundamental para todas as mudanças que precisariam ser feitas.

Ao finalizar nossos encontros, a cliente me trouxe um presente e decidi destacar isso neste trabalho pois foi muito significativo para a relação terapêutica. Lembro-me da primeira vez que ela comentou que fazia tapetes em crochê e, na nossa última sessão, ela me trouxe um tapete vermelho que ela havia feito e eu simplesmente amei, aliás, amo vermelho. Senti como se fosse uma pequena demonstração de que eu fiz parte de seu progresso e é justamente isso que eu sinto:

fiz a minha parte e nós crescemos juntas. Eu amadureci e encontrei vários motivos para continuar na Psicologia, ela encontrou a confiança em si mesma e posso dizer que eu passei a acreditar em mim também. Através dessa cliente, eu aprendi a confiar no meu potencial e de que eu poderia ser muito mais do que as pessoas dizem que sou. Em todo o trabalho de Rogers, a crença no potencial humano é destacada como um de seus maiores preceitos. Em *Terapia Centrada no Cliente* (1992), ele comenta ser imprescindível para a mudança construtiva do indivíduo e para o desenvolvimento de uma vida mais satisfatória e plena. Portanto, é algo que precisa ser explorado dentro de cada um de nós: acreditar em nós mesmos e acreditar que o outro também é capaz de ser sua melhor versão.

Não tentei impedir o crescimento dos meus clientes, mas entendi o momento deles e deixei que eles pudessem me dizer como gostariam que as coisas acontecessem. Apesar disso, algumas vezes, por estar aprendendo o meu jeito de ser terapeuta, errei e não fiz o que deveria ter feito, mas tenho certeza de que fiz aquilo que eu dava conta no momento. Muitas vezes me senti o oposto do que propõe a abordagem, mas entendo que isso faz parte do crescimento de um terapeuta. Se erramos, procuramos acertar, pois isso também afeta o desenvolvimento do meu cliente enquanto ser atualizante (ROGERS, 2009).

Para finalizar meu relato, trago pontuações sobre mim, sobre meu crescimento e minhas perspectivas anteriores e atuais. O estágio é um período difícil da faculdade, onde encontramos muitos obstáculos que podem nos fazer desistir de tudo. É um trabalho árduo, que demanda tempo e dedicação. Confesso que quase fui vencida nesse período. Sim, eu amo o que faço, amo saber que posso acolher alguém de forma que ele sinta que é potente para ir além, mas os períodos que eu enfrentei em minha vida pessoal quase me fizeram esquecer do quanto é especial vivenciar esses momentos com os meus clientes.

Percebo, ao longo das análises que fiz, que tive muitas mudanças e consegui observá-las ao ponto de me permitir ser transformada e me desprender de meus medos, minhas aflições e angústias. Assim como Rogers (2009), reflito sobre a grande importância em me permitir compreender o outro. Foi necessário me despir de mim mesma, das minhas convicções, dos julgamentos, da minha necessidade de avaliar tal atitude do cliente, para que eu pudesse compreendê-lo de maneira inteira, como “se fosse” ele, adentrando em seu mundo e em sua visão de si mesmo.

Aprendi que, não importam as circunstâncias, sempre haverá uma tendência que me faça progredir, mas eu preciso olhá-la e dar vida a ela (SANTOS, 2005). Com os meus clientes, aprendi que eu nunca terei um roteiro a seguir e que eu preciso estar preparada para toda e qualquer situação, mas, principalmente, que eu preciso enfrentar a minha escuridão para que eu possa suportar a dor do outro e ajudá-lo a encontrar a luz. Eu preciso vivenciar aquilo que eu acredito e, se eu acredito na minha profissão, eu também tenho que me debruçar e me desfazer das minhas defesas. Ao falar de crescimento e tendência atualizante, vale ressaltar uma história que Rogers trazia em suas falas sobre o caso das “batatas inglesas guardadas no chão duro do porão, na fazenda paterna, brotando em direção à luz: a vida procurando expandir-se, tanto quanto possível, apesar das condições adversas” (TAMBARA; FREIRE, 1999). Através deste trecho, consigo lembrar-me de uma experiência vivida em supervisão, quando, por meio de uma vivência chamada de “Roseira”, a supervisora propôs realizá-la em grupo. Ao iniciar, ela fez todas as orientações, seguindo a técnica:

imagine que tipo de roseira é, se é mesmo uma roseira ou é outro tipo de flor, se tem espinho, se é grande ou pequena, alta ou baixa, magra ou gorda, se tem raízes ou não, se estas são mais ou menos profundas, se tem folhas, como são estas folhas, são muitas ou poucas, como são seu tronco e seus galhos, em que lugar está, se está só ou acompanhada, como são seus companheiros, como se sente neste lugar, o que vê em volta de si, árvores, flores, animais, pessoas, onde é este lugar, quem cuida dela? (PROTÁSIO, 1997).

Lembro-me de ter visto uma roseira plantada em um chão duro, cimentado, mas ela havia florescido. Havia algumas flores, mas não era uma roseira cheia, com volume. Estava só. Hoje, percebo que eu sou como essa roseira: florida, mas que enfrentou grandes e perversos caminhos para chegar onde chegou. Foi preciso esperar, quebrar camadas, “descascar” esse chão cimentado, pois havia muitas camadas, mas ela cresceu, floresceu e hoje tem seu espaço, conquistou o seu lugar e ninguém pode tirar isso dela.

No momento em que essa técnica fora aplicada, os processos em minha vida ocorriam como o descascar, aos poucos, não quebrando camadas, mas apenas descascando-as. Ainda, vale destacar que, durante a realização deste trabalho, esse cimento (que simbolizava o meu próprio controle) fora quebrado por completo, pois, durante os processos pelos quais passei, até o momento, proporcionaram um crescimento em mim de tal forma que me fizeram encontrar as minhas próprias raízes. Ainda, sinalizo a importância do processo terapêutico em minha vida pessoal e

acadêmica. Durante todo o estágio, estive em processo terapêutico e afirmo que sem ele eu não conseguiria chegar onde cheguei. Muitas vezes me senti perdida com os meus pensamentos acelerados, fazendo com que eu ficasse confusa diante da Juliana que eu era e da terapeuta em processo de formação. E foi através da terapia, ao encontrar o meu lugar seguro, que eu pude encontrar o meu caminho enquanto pessoa e terapeuta, de maneira que ambas pudessem se conectar.

Ao longo de todo o processo de estágio, muitas adversidades e obstáculos me fizeram querer desistir, posso citar o momento em que Moana chegou até o Serviço Escola e fora designada a mim. Nesse período, eu estava em conflito comigo mesma, tentando encontrar o meu próprio eu, passando pelo processo de aceitação ao desistir de defender o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no período de 2018.2. Ao me deparar com ela: ansiosa e procrastinando todas as tarefas, perdida e tentando encontrar-se, me deparei comigo mesma, como se fosse um espelho refletindo a minha imagem e a psicoterapia me auxiliou nesse processo, fazendo com que eu percebesse e aceitasse os meus erros e fracassos, refletindo sobre tudo que eu tinha colocado em primeiro lugar quando deveria ter me dedicado ao TCC. Já com Pedrita, compreendi que eu precisava deixar o processo fluir e que eu não poderia controlar tudo e todos. Nem tudo é do meu jeito e hoje eu consigo aceitar isso. O meu processo sou eu quem conduzo, mas o processo do meu cliente eu não posso conduzir, se trata da vivência dele e do quanto ele dispõe a isso. Ao perceber que o processo terapêutico de minha cliente estava estagnado, eu sofri ao entender que era eu quem precisava abrir mão das minhas atitudes perfeccionistas e controladoras (como deixar a caixa e os sapatos sempre no mesmo lugar).

Apesar de todas as dificuldades que a vida acadêmica pode promover, Bowen (1987) comenta sobre a importância de o indivíduo decidir como reagir a tais circunstâncias. É inevitável que não podemos controlar os eventos externos, mas podemos compreender de uma melhor maneira a nós mesmos, de modo que se torne mais eficaz a nossa maneira de reagir a tais acontecimentos. Por meio desse pensamento, trago a reflexão de que eu estou aprendendo a viver desta maneira, entendendo qual é a minha função diante daquilo que eu experiencio e como eu posso reagir diante das situações que me rodeiam e o modo como estas afetam a minha vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) é integrada com diversos conceitos fundamentais para que haja uma boa relação terapêutica, terapeuta-cliente. Através deste relato de experiência, foi possível perceber que esta abordagem é fundamentada em uma teoria complexa, demanda além do conhecimento teórico, muita percepção e sensibilidade por parte do terapeuta, ao ponto que é preciso desprender-se da teoria como técnica ao vivenciar a relação terapêutica que exige grande responsabilidade do terapeuta, pois ele é capaz de facilitar o processo através de suas atitudes facilitadoras, possibilitando um ambiente de aceitação e compreensão para o cliente, de modo que ele possa encontrar-se nesse ambiente, no entanto, também é capaz de interromper o processo de crescimento das potencialidades do cliente, impedindo que este se torne responsável por si mesmo e escreva sua história de acordo com o que acredita ser essencial e correto (ROGERS, 1992).

Assim, através das relações vivenciadas em estágio clínico e, em partes, relatadas nesta pesquisa, penso ser uma das mais complexas atitudes: aceitar o outro como escritor de sua própria história, evitando julgamentos de juízo e valor, permitindo que ele encontre a significação de si mesmo. Dessa forma,

Não posso fazer mais do que tentar viver segundo a minha própria interpretação da presente significação da minha experiência, e tentar dar aos outros a permissão e a liberdade de desenvolverem a sua própria liberdade interior para que possam atingir uma interpretação significativa da sua própria experiência (ROGERS, 2009, p.32).

Diante dessa afirmação, confirma-se, então, a necessidade e a importância do estágio no percurso acadêmico em formação de psicólogo, como sendo o elemento principal para a formação acadêmica e profissional, ao oferecer estrutura e experiência para o estagiário desenvolver suas habilidades e competências, da teoria à prática. Aliás, é um ótimo momento para proporcionar ao terapeuta a possibilidade de vivenciar esta experiência única com o outro, fazendo-o perceber a importância de oferecer o valor que o indivíduo tem e que, talvez, nunca tenha percebido ou lhe sido oferecido.

Através do estágio, cresci enquanto pessoa, desenvolvi uma escuta mais apurada e um olhar mais atento e humano ao processo de desenvolvimento e

crescimento do outro, principalmente este olhar sobre mim, por isso, acredito ser de extrema importância estar atento aos processos que acontecem e se enriquecem dentro de nós.

Muitas vezes, ao longo da vida, nos deparamos com pessoas que passam por situações difíceis ou parecidas com as nossas experiências. Entretanto, dentro do *setting* terapêutico, é importante compreender a dinâmica da relação, percebendo o que é nosso e o que é do outro e, principalmente, compreender que aquele momento do processo terapêutico é do cliente, lembrando-se de que é o cliente que precisa estar em evidência, ser ele o centro do processo terapêutico.

Através do estágio e das supervisões foi possível aprender a distinguir os sentimentos e sensações do terapeuta, as minhas, e do cliente. Tentar ajudá-lo a aliviar sua dor e seu sofrimento é um dos principais objetivos da terapia e, principalmente, ajudá-lo a criar e descobrir potenciais que existem dentro de si para conseguir lidar e/ou superar a sua dor. Entretanto, primeiramente, é necessário que o terapeuta conheça a si mesmo, conheça suas maiores escuridões, para que, dessa maneira, ajude o outro a encontrar sua própria luz na escuridão que é dele.

Não obstante, faz-se necessário mencionar a importância das relações na vida do indivíduo, destacando ainda, que é através das relações que temos a possibilidade de crescer e desenvolver o melhor de nós e daqueles que estamos em processo de ajuda. A relação, estagiário-cliente é extremamente intensa, demandando interesse mútuo, confiança, respeito, congruência, compreensão empática e aceitação incondicional. É essa relação que possibilitará mudanças ao cliente, inclusive, permitindo a ele a direção de si mesmo. Ao longo do relato, foi possível perceber que não somente o cliente é favorecido por essa relação, mas o terapeuta-estagiário é levado a mudança e confronto de suas atitudes, pensamentos, sentimentos, vivências não resolvidas, enfim, não só como terapeuta, mas como pessoa. Tavora (2012) ainda comenta que o terapeuta, ao usar da autenticidade, estabelece uma relação real, despindo-se de suas máscaras, estando também em pleno contato com as suas experiências e, dessa forma, proporcionando uma relação de mudança em ambos.

Benítez (2007) ainda fala que ajudar é acompanhar o processo, facilitando e colaborando para o desenvolvimento do cliente, podendo orientá-lo, mas jamais prescrever, aconselhar ou direcionar o cliente a um caminho ou outro, pois é necessário que ele desenvolva a capacidade de pensar sobre o que é melhor para si, guiando a si mesmo, descobrindo seu próprio caminho. Ainda, ele comenta que o

terapeuta não deve minimizar a dor do cliente, mas deve respeitar esse processo que é necessário para seu crescimento.

Ainda falando de relações, cabe lembrar a importância do supervisor para a formação profissional do estagiário, visto que esta relação influencia consideravelmente as percepções, apreensões, decisões e análises do novo terapeuta. Além disso, o supervisor também cresce a cada experiência vivida em supervisão com os estagiários, de modo que ele também avalia a si mesmo, constantemente, percebendo quem é, analisando o seu jeito de ser e suas individualidades.

Ser psicólogo é compreender o outro com todos os seus defeitos e em todas as suas loucuras. É ajudá-lo a trilhar o seu caminho de paz no meio da turbulência, é conseguir senti-lo através do ouvir, é conseguir vê-lo além daquilo que me é exposto, mas através do que posso sentir com ele. É ouvir “você me ajudou”, mas também ouvir “eu saí daqui pensando que você não me ajudou em nada”. É difícil, muito difícil, mas é recompensador, garanto!

Esclareço que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, proporcionando maior conhecimento sobre as relações que o estagiário vivencia durante o percurso final do curso superior. Por mais que tenha sido promissor, ainda fica a sugestão para que haja mais pesquisas sobre as vivências e experiências na prática clínica, não somente com acadêmicos, mas que os profissionais que já estão em atuação também possam contribuir com suas descobertas ao longo dos anos em prática, de modo que se ampliem os conhecimentos teóricos. Dessa maneira, é possível contribuir de maneira significativa na vida dos acadêmicos, para que possam compreender alguns sentimentos vivenciados.

Por meio da minha vivência, ressalto a importância para o estagiário de estar em processo terapêutico particular. Vivenciar as pontuações do supervisor é importante para confrontar os erros e situações das quais estejamos fugindo, no entanto, para que a experiência profissional seja menos dolorosa – pois haverá confronto entre as vivências pessoais com os relatos e experiências dos clientes (isso é um fato!), é fundamental conhecer e vivenciar a relação psicoterapêutica para que eles possam desenvolver uma maior habilidade em lidar e se envolver com o outro. Além disso, fazer psicoterapia é conhecer a si mesmo, permitir-se. Só assim, o indivíduo (estagiário) é levado ao encontro de si mesmo, conhecendo e se permitindo percorrer o seu próprio caminho.

REFERÊNCIAS

ALVES, V.L.P.; LIMA, D.D. Os primeiros passos no processo de tornar-se psicoterapeuta sob o referencial da Abordagem Centrada na Pessoa. **REVISTA BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA**, v. 14, n. 1, p. 62-75, 2012. Disponível em: <<http://bibliotecaparalapersona-epimeleia.com/greenstone/collect/ecritos2/import/Os%20primeiros%20passos%20no%20processo%20de%20tornar-se%20psicoterapeuta.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

AMATUZZI, Mauro Martins et al. A atitude de boa vontade e a abordagem centrada na pessoa. **Estud. psicol.(Campinas)**, v. 19, n. 2, p. 5-16, 2002. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IscScript=iah/iah.xis&src=google&base=ADOLEC&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=352883&indexSearch=ID>>. Acesso em 04 de junho de 2019.

BARRETO, Mariana Cardoso; BARLETTA, Janaina Bianca. A supervisão de estágio em psicologia clínica sob as óticas do supervisor e do supervisionando. **Cadernos de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde (ISSN 1980-1769)**, v. 12, n. 12-2010, 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Janaina_Barletta2/publication/301675000_A_SUPERVISAO_DE_ESTAGIO_EM_PSIKOLOGIA_CLINICA_SOB_AS_OTICAS_DO_SUPERVISOR_E_DO_SUPERVISIONANDO/links/5720e00108aed056fa292a8a/A-SUPERVISAO-DE-ESTAGIO-EM-PSIKOLOGIA-CLINICA-SOB-AS-OTICAS-DO-SUPERVISOR-E-DO-SUPERVISIONANDO.pdf>. Acesso em 21 de junho de 2019.

BENITEZ, Yaser Ramírez. La Orientación Psicológica, un Espacio de Búsqueda y Reflexión Necesario para Todos. **Rev. Mex. Orient. Educ.**, México, v. 4, n. 10, p. 23-27, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-75272007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 22 de junho de 2019.

BOAINAIN JR, Elias. O estudo do potencial humano na Psicologia contemporânea: A corrente Humanista e a corrente Transpessoal. **Centro de Estudos e Encontro da Abordagem centrada na Pessoa**, 1994. Disponível em: <<http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/O-estudo-do-potencial-humano-na-Psicologia-contempor%C3%A2nea-A-corrente-Humanista-e-a-corrente-Transpessoal.pdf>>. Acesso em 15 de junho de 2019.

BOMFIM, Edson Rocha. A liberdade no crescimento do indivíduo e nas suas vivências psicossociais. S/d. **Encontro ACP**. Disponível em: <<https://encontroacp.com.br/material/textos/a-liberdade-no-crescimento-do-individuo-e-nas-suas-vivencias-psicossociais/>>. Acesso em 02 de julho de 2018.

BORBA, Johnny E. P. de. O setting terapêutico e a terapia centrada na pessoa: o acolhimento e a transformação do sujeito. 2016. **Psicologia.pt – O portal dos Psicólogos**. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0984.pdf>>. Acesso em 04 de junho de 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior - Resolução Nº 5, de 15 de Março de 2011. Brasília: **Ministério da Educação**, 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&category_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 16 de junho de 2019.

CAMPOS, Ronny Francly. Ética contemporânea: os anos 60 e o projeto de psicologia humanista. **Epistemo-somática**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, ano 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-20052006000200009>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

CASTAÑON, Gustavo Arja. Psicologia Humanista: a história de um dilema epistemológico. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 12, p. 105-124, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6714>>. Acesso em: 22 de maio de 2019.

CÓTICA, Carolina. Psicoterapia Infantil na Abordagem Centrada na Pessoa. **(EM)CENA**. 28 de abril de 2016. Disponível em: <encenasaudemental.net/comportamento/insight/psicoterapia-infantil-na-abordagemcentrada-na-pessoa-acp-possibilidades-e-desafios/>. Acesso em 20 de junho de 2018.

DE LIMA CAVALCANTE, Bruna Luana; DE LIMA, Uirassú Tupinambá Silva. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. **Journal of Nursing and Health**, v. 2, n. 1, p. 94-103, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/3447>>. Acesso em 15 de junho de 2019.

FONTGALLAND, Rebeca Cavalcante; MOREIRA, Virginia; MELO, Cynthia de Freitas. A experiência de ser empático para o psicoterapeuta humanista-fenomenológico iniciante. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. 1, p. 5-20, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000100002>. Acesso em 15 de junho de 2019.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Origens e destinos da abordagem centrada na pessoa no cenário brasileiro contemporâneo: reflexões preliminares. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 18, n. 2, p. 168-178, 2012. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5236006>>. Acesso em 17 de junho de 2019.

HOLANDA, Adriano Furtado. A perspectiva de Carl Rogers acerca da Resposta Reflexa. **Revista do NUFEN**, v. 1, n. 1, p. 40-59, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2175-25912009000100004&script=sci_abstract&tlng=en>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

HONDA, Giovanna Corte; YOSHIDA, Elisa Medici Pizão. Mudança em pacientes de clínica-escola: Avaliação de resultados e processos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 22, n. 51, p. 73-82, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/paideia/article/view/46691>>. Acesso em 15 de junho de 2019.

MACHADO, Márcia Píramo Coelho. **Criatividade em Contextos de Vulnerabilidade Psicossocial**: uma investigação heurística à luz do referencial da abordagem centrada na pessoa. Departamento de Psicologia e Sociologia. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://gruposerbh.com.br/textos/dissertacoes_mestrado/dissertacao07.pdf>. Acesso em 17 de junho de 2019.

MACKAY, Ian. **Como ouvir pessoas**. Nobel, 2000.

MESSIAS, João Carlos Caselli. Sobre a expressividade do terapeuta. **Argumento**, v. 3, n. 7, p. 95-100, 2002. Disponível em: <<http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/argumento/pdf/argumento07.pdf#page=91>>. Acesso em 17 de junho de 2019.

MOREIRA, Virginia. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 4, p. 537-544, 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3953/395335792011.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

PEREZ, Francisco Conejero. **Guias de atletas com deficiência visual**: estudo exploratório de motivações presentes nesta relação. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2008. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1707/1/Francisco%20Conejero%20Perez.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2019.

POELMAN, Ana Maria Sarmiento Seiler. Retomando o conceito de psicodiagnóstico: Uma proposta de definição a partir da relação psicólogo-cliente. **Instituto Humanista**, 2012. Disponível em: <http://institutohumanista.com.br/artigo_anamaria.pdf>. Acesso em 17 de junho de 2019.

PROTÁSIO, M. M. Técnicas de Gestalt-terapia aplicadas à ludoterapia. **Revista eletrônica IFEN**, Rio de Janeiro, v. 1, 1997. Disponível em: <http://ifen.com.br/revistas/ludoterapia/artigo_2.html>. Acesso em 21 de junho de 2019.

ROGERS, C. R.; SANTOS, A. M.; BOWEN, M. C. V. B. **Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ROGERS, C.R. **Terapia Centrada no Cliente**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROGERS, C.R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SANTIAGO, C. B. **Uma rica experiência**: reflexão teórico – vivencial de uma estagiária embasada na Abordagem Centrada na Pessoa. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Pernambuco.

Pernambuco, 2010. Disponível em: <<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/CamilaSantiago.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

SANTOS, C. Abordagem centrada na pessoa: relação terapêutica e processo de mudança. **Psilogos: Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Fernando Fonseca**, p. 18-23, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.hff.min-saude.pt/handle/10400.10/592>>. Acesso em 17 de junho de 2019.

SILVA, R. B. **A função da supervisão na formação do psicólogo clínico na Abordagem Centrada na Pessoa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/805>>. Acesso em: 17 de maio de 2019.

TAMBARA, Newton; FREIRE, Elizabeth. **Terapia centrada no cliente: teoria e prática: um caminho sem volta**. Porto Alegre: Delphos, 1999.

TAVORA, Mônica Teles. Um modelo de supervisão clínica na formação do estudante de psicologia: a experiência da UFC. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 121-130, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a13>>. Acesso em 22 de junho de 2019.

ANEXOS

Currículo Lattes



Juliana Ferreira Matheus Godinho

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/6949939993440109>

Última atualização do currículo em 20/11/2017

Possui ensino-medio-segundo-graupela Faculdades Integradas de Ariquemes(2014). (Texto gerado automaticamente pela aplicação CVLattes)

Identificação

Nome Juliana Ferreira Matheus Godinho

Nome em citações bibliográficas GODINHO, J. F. M.

Endereço

Formação acadêmica/titulação

2014 Graduação em andamento em Psicologia.
Faculdade de Educação e Meio Ambiente, FAEMA, Brasil.

2013 - 2014 Ensino Médio (2º grau).
Faculdades Integradas de Ariquemes, FIAR, Brasil.

Idiomas

Inglês Compreende Pouco, Fala Pouco, Lê Pouco, Escreve Pouco.

Espanhol Compreende Pouco, Fala Pouco, Lê Pouco, Escreve Pouco.